
O DISCURSO DE FEMINILIDADE NO BOXE A PARTIR DA ANÁLISE DO FILME *MENINA DE OURO*

Vera Fernandes

(Mestranda em Educação Física – UFJF)

Ludmila Mourão

(FAEFID/UFJF)

INTRODUÇÃO

No decorrer do século XX as mulheres, por meio de “infiltrações” conquistaram visibilidade no universo físico-desportivo (MOURÃO, 1998). A autora argumenta que a mulher brasileira não demandou um confronto para garantir a sua participação, mas a ela foi sendo concedida e incentivada através, das normatizações higienistas e eugênicas, a prática de atividades físico-desportivas, que alteravam as representações sobre a presença das mulheres no esporte e impulsionavam movimentos autônomos delas junto a estas práticas. (MOURÃO, 2000, p. 7-8).

Mas, embora tal inserção tenha se dado sem contestação, mesmo na atualidade, ainda se fazem presentes discursos de cunho biológico para justificar a restrição na participação de mulheres em determinadas atividades físico-desportivas consideradas “violentas à natureza do seu sexo” e, por isso, nomeadas de “masculina”, como o boxe (GOELLNER, 2009) que aqui será tratado. Esta é uma das razões que fazem das atividades físico-desportivas um espaço de exercício de relações de poder, sendo um terreno fértil para as discussões sobre gênero, no qual se fazem presentes construções e representações de masculinidades e feminilidades.

Soma-se a estes, a perspectiva de Melo e Vaz (2006) de que esporte e cinema, enquanto manifestações culturais típicas da modernidade se constituem ferramentas pedagógicas eficazes, configurando-se em instâncias reprodutoras de discursos normalizados representados por demais setores da sociedade. Neste sentido, esporte e mídia, boxe e cinema, e discussões sobre feminilidades, constituirão o debate deste estudo.

Considerações sobre feminilidades, boxe, cinema e pesquisa

Com toda a vontade de sermos “modernos”, a participação feminina em esportes “não facilmente recomendados para a prática de meninas e mulheres” como skate, rúgbi, futebol, handebol, levantamento de peso, boxe, apesar de parecer natural e consolidada num primeiro momento, ainda é permeada de discursos que nos ligam ao passado: a “fragilidade feminina” ou a “masculinização da mulher” são algumas das representações que ainda hoje se fazem presentes no imaginário social (GOELLNER, 2009).

Mas, o que vem a ser feminilidade? Partindo da concepção de Robert Connell (1995) sobre masculinidade⁴⁷, pode-se afirmar que feminilidade é **uma** configuração de prática em torno da posição das mulheres na estrutura das relações de gênero.

Hoje, embora se reconheça a pluralidade dos modos de ser e viver feminilidades, o corpo e as subjetividades da mulher que pratica modalidade esportiva de contato físico e de combate, em que o desenvolvimento muscular e as demonstrações de força e poder se fazem presentes, ainda são julgados por nossa sociedade, que idealiza uma única representação e reproduz valores adequados a norma. Um ideal dominante que, historicamente, proclama uma concepção central de feminilidade, sugerindo mulheres frágeis, graciosas, delicadas, submissas, maternais (GOELLNER, 2003), sendo questionadas as que do centro se afastam. Algo possível à mulher boxeadora, devido a características próprias da modalidade.

O boxe pode ser observado num dualismo particular. Wacquant (2002) comenta que alguns especialistas “queixam-se, às vezes, da regulamentação cada vez mais impositiva da violência pugilística, que eles denunciam como uma ‘feminização’ do boxe capaz de desnaturá-lo [...]” (p. 69). Noutra perspectiva, Melo e Vaz (2006) afirmam que, apesar de toda “pasteurização” sofrida pela modalidade no decorrer dos tempos “ainda é um esporte considerado muito violento, sendo marcantes as imagens sujas de corpos machucados, suor, sangue” (p. 143). Cenas que não combinam com “uma imagem ideal de ser feminina” (GOELLNER, 2009) e que há tempos aparecem nas telas do cinema.

Melo e Vaz (2006) em investigação sobre as construções de masculinidades em películas que abordam o boxe apontam, através de indícios históricos, que imagens da modalidade se fazem presentes, antes da invenção do cinema moderno, em fotografias que datam de 1865. Ainda no final do século XIX aconteceram os primeiros registros fílmicos de lutas e, a partir das primeiras décadas do século XX, são exibidos sucessos que possuem a modalidade na temática principal.

O boxe não se esgota em produções cinematográficas e, em comum, possuem protagonistas homens. Uma inovação recente trouxe, em 2005, o lançamento de uma película em que a protagonista pugilista é uma mulher: o filme *Menina de Ouro*, de Clint Eastwood, o qual foi vencedor de quatro Oscars, inclusive o de melhor filme.

Enquanto prática social afirma Louro (2003), que o cinema desde o início do século XX até a atualidade, configura-se numa das principais atividades de lazer no Brasil, caracterizando-se como uma das formas culturais mais significativas. Todavia, para além da diversão, Nova (1996, s/p) nos fala sobre o uso de filmes enquanto fonte de pesquisa e a forma como este reflete a sociedade. Enquanto testemunho do presente, diz que: “**Todo filme é passível de ser utilizado enquanto documento**”. Mas, ainda que assim aparente, a forma como um filme reflete a sociedade não é, em hipótese alguma, direta e jamais se apresenta de maneira organizada (Grifo da autora).

Melo (2006) corrobora a mesma ideia e aborda sobre filmes e o seu potencial de influência na formação de mentalidades dos indivíduos ao afirmar que

Se um filme carrega em si uma determinada representação de valores, não podemos negar, mesmo que não devamos considerar de forma linear, as suas repercussões na vida em sociedade. Por certo, um filme é só um filme, não é em si realidade, mas indubitavelmente carrega

⁴⁷ Robert Connell (1995, p. 188) diz que “**masculinidade** é uma configuração de prática em torno da posição **dos homens** na estrutura das relações de gênero” (Grifo nosso).

em si olhares e intencionalidades sobre a sociedade, tendo um forte potencial de influência na formação de mentalidades (p. 96).

Ideias, estilos, costumes, valores e padrões (de sociedade, de família, de beleza, de comportamento) são exemplos de condutas discursivas difundidas pelo cinema.

OBJETIVO

Este estudo tem por objetivo identificar e analisar o discurso de feminilidade presente no Boxe Feminino Profissional através do cinema. Neste sentido, sugere-se estar, pelo menos, em parte, apreendendo o discurso social vigente sobre a temática.

METODOLOGIA

O corpus da análise é o filme *Menina de Ouro*. A película traz a história de Frankie Dunn (Clint Eastwood) que passou a vida nos ringues, tendo agenciado e treinado grandes boxeadores. Até que surge Maggie Fitzgerald (Hilary Swank) em sua vida, uma jovem determinada que possui um dom não lapidado para o boxe. Maggie quer que Frankie a treine, mas ele não aceita treinar mulheres, além de acreditar que ela, aos 31 anos, esteja velha para iniciar uma carreira no boxe. Apesar da negativa do treinador, Maggie decide treinar diariamente no ginásio; recebe o apoio de Scrap (Morgan Freeman), ex-boxeador e ajudante de Frankie no ginásio, que a encoraja a seguir adiante. Vencido pela determinação de Maggie, Frankie enfim aceita ser seu treinador.

A nossa abordagem neste estudo enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais (TRIVIÑOS, 1987). Mais especificamente, utiliza a Análise de Discurso que, segundo Orlandi (2003), procura compreender a língua interpretando sentidos e levando em consideração os sujeitos que falam e as situações em que as falas são produzidas. Dessa forma, procura-se colocar o dito em relação ao não dito, analisando o “real” sentido em sua materialidade linguística e histórica.

A metodologia proposta vai ao encontro dos interesses da análise fílmica, uma vez que para o melhor aproveitamento do caráter documental de um filme é necessário que o pesquisador saiba dissecar os significados “ocultos”, porém presentes, numa película, consistindo, simplificada, em buscar os elementos da realidade através da ficção, uma vez que “nenhuma produção cinematográfica está livre dos condicionamentos sociais de sua época” (NOVA, 1996, s/p).

E, assim, dentre as possibilidades que a análise do filme *Menina de Ouro* pode contemplar, como a ascensão social pelo esporte e a eutanásia, a opção desta investigação é o estudo do discurso de feminilidade no boxe.

DISCUSSÃO

Nos cinemas, o boxe é representado como pertencente ao “mundo masculino” no universo esportivo, onde se apresentam corpos viris, suados, com cicatrizes e sangue. Os boxeadores são reproduzidos como “típicos machos”, que negam à feminilidade, o homossexualismo, a docilidade (MELO e VAZ, 2006).

O local de treinamento, *gym*, é um espaço exclusivo para a prática do boxe e caracterizado como um ambiente essencialmente masculino (MARIANTE, 2010), como tudo que permeia a modalidade. Nos filmes, o espaço é representado da mesma forma: não há luxos ou atrativos estéticos; a pintura é desgastada e as paredes desenhadas ou com pôsteres de ídolos. Assim, não é surpresa que a protagonista do filme *Menina de Ouro*, tenha encontrado dificuldades para inserir-se neste “santuário” masculino.

Maggie possui origem e condição humilde. Trabalha como garçomete para manter-se e investe suas economias no boxe por acreditar que, se treinada por Frankie, terá chances de se tornar uma campeã. Através desta informação podemos apreender a concepção de diversas pessoas humildes que visualizam no esporte a chance de mudarem para melhor suas condições de vida, alegando ser a única “coisa” que sabem/gostam de fazer.

Logo em seu primeiro contato com o almejado treinador, ao propor que a treine, Maggie esbarra em sua primeira barreira no que se refere à condição de “mulher que se pretende atleta de boxe”. “Eu não treino garotas⁴⁸!”, é a posição de Frankie. Fato que não a impede de treinar até conseguir convencê-lo.

A fala do treinador nos remete a conotações históricas de que o boxe não é esporte para mulheres. Wacquant (2002) comenta sobre o medo de alguns especialistas de uma possível “feminização” da modalidade por meio de flexibilização das regras e, firmemente, diz que “O boxe é para os homens, sobre os homens, ele é os homens. Homens que lutam com homens para determinar seu valor, isto é, sua masculinidade, excluindo as mulheres [...]” (WACQUANT, 2002, p. 69).

O mesmo discurso é reproduzido também pelo cinema. Melo e Vaz (2006) destacam que “os filmes de boxe construíram modelos de comportamento masculino [...]” (p.154). Os autores identificaram dentre as películas por eles analisadas, cujos personagens principais são pugilistas homens, mulheres em papéis da acompanhante fútil ou da companheira fiel (MELO & VAZ, 2006), sendo comum, entre as personagens, a interpretação de uma “feminilidade normalizada” (JAEGER & GOELLNER, 2011).

Por certo, Maggie, em sua aparência, deixa poucas inscrições sobre cuidados culturalmente femininos. Não é visualizado o uso de maquiagem ou adornos, suas unhas não são pintadas, seja no ambiente de trabalho ou em casa; nos treinos, suas vestes são roupas velhas e largas⁴⁹, seus cabelos presos sem cuidados. Durante todo o filme é demonstrado que Maggie **escolheu** dedicar o momento que vivia ao boxe, que requer treinamentos diários, inúmeras viagens devido às competições, o que deixa pouco tempo e espaço para sua vida pessoal.

Dentro dos ringues, contudo, é possível identificar certa produção no cabelo das boxeadoras, tratados como “marca pessoal” das lutadoras: cada uma tem seu estilo, não há um penteado igual ao outro. Fato que parece surgir na tentativa de balancear a presença do feminino a tudo mais que permeia o boxe: o suor, o rosto ferido, a violência - ainda que “controlada” (WACQUANT, 2002).

No decorrer da história, várias vitórias são conquistadas por Maggie, o que lhe confere retorno financeiro. Entretanto, há poucas mudanças em sua aparência fora dos ringues, sugerindo que a falta de cuidados tipicamente femininos recai, inicialmente, sobre a sua condição humilde, mas também, à imagem que se quer passar aos demais

⁴⁸ As falas do filme aqui colocadas foram traduzidas livremente.

⁴⁹ É importante ressaltar que, enquanto produção cinematográfica, as roupas largas de Maggie servem também para “esconder” o corpo da atriz que desenvolveu, de fato, sua musculatura para viver a personagem. Disponível em <http://telecine.globo.com/filmeInicial/4531>, acesso em 20/05/2012. O enfoque foi destacado no decorrer da trama como resultado dos treinamentos da boxeadora.

atletas, ao público geral e, principalmente, ao treinador. Maggie associa a ideia de que para conquistar e manter a confiança de Frankie e a admiração do público, não lhe será permitida vaidades ou choro.

Para além da aparência, é demonstrado no desenvolver da trama que Maggie é firme, perseverante, determinada, corajosa e não se intimida perante o alerta de Frankie sobre a possibilidade de se machucar ou perder dentes nos treinos e confrontos – algo inerente a qualquer boxeador. Em vez disso, encara o desafio de se tornar uma atleta e, no decorrer de sua preparação e lutas, aprende a resistir à dor: uma característica necessária ao pugilista e treinável, segundo Wacquant (2002). O autor comenta que “os boxeadores elevaram bastante seu limite de tolerância à dor, submetendo-se a ela de maneira medida e rotineira [o que lhes confere] a aquisição da forma de sangue-frio própria ao pugilismo” (p. 114-115).

Nesta perspectiva, Scrap, em narração, diz que “o boxe é antinatural porque tudo é ao contrário”. Afirma que “em vez de fugir da dor, como uma pessoa sã faria, você vai atrás dela”. Condição bem retratada em suas personagens boxeadoras. Com o avançar da história podemos visualizar nos ringues, as lutadoras com seus rostos machucados – olhos inchados, ferimento nos lábios – que não desistem do combate perante a dor. Maggie não demonstra fragilidade, nem mesmo diante do nariz quebrado em um dos confrontos. De outra forma, suporta a dor de colocá-lo no lugar e continua a disputa. A mesma resistência é demonstrada em seu último confronto diante da boxeadora desleal que lhe aplica golpes não permitidos na modalidade.

Estas cenas são comuns entre as películas que trouxeram homens pugilistas como personagem principal em demonstração de virilidade. Melo e Vaz (2006, p. 157) nos falam que:

O que se exhibe com exaustão é a figura do combatente, guerreiro incansável, que enfrenta com obstinação infinita todos os desafios, superando as máculas corporais para atingir seus objetivos. São pugilistas que se superam, disputam combates ainda que machucados, vencem os limites corporais e se tornam vitoriosos perante outro lutador que, ainda que dispendo de melhores condições, não possui o seu elã masculino. [...] aprender a suportar a dor é uma prova de virilidade, afinal, *boys don't cry*.

De forma semelhante, mulheres inseridas em outras modalidades de demonstração de coragem e resistência mostram-se perseverantes para se firmarem. É o que podemos observar entre as amazonas entrevistadas no estudo de Adelman (2003) que afirmam não aceitarem um treinamento mais leve que dos homens; elas negam o medo e assumem os riscos da prática do hipismo. E as skatistas entrevistadas por Figueira (2008) argumentam que o skate não é apenas para homens e que não têm medo de se machucarem; demonstram coragem, ousadia, resistência e bons resultados nas rampas e pistas.

Na verdade, a partir do momento em que Maggie convence Frankie a treiná-la, percebe-se que a exigência dos treinos e disputas é a mesma, tanto para homens quanto para mulheres, o que se reflete em qualquer modalidade praticada. No decorrer da trama, evidencia-se na personagem principal, o desenvolvimento de sua técnica, movimentação corporal, agilidade, força e, não menos, músculos, tendo inclusive subido de categoria: de peso leve para meio-médio.

O evidente volume muscular de Maggie e demais boxeadoras pode ser considerado uma masculinização de seus corpos. Moura *et al* (2010) em entrevista a

uma lutadora de MMA⁵⁰ profissional, que possui aparência musculosa, verificaram na fala da atleta que “‘a masculinização do corpo é inevitável’, devido à carga muito intensa de treino” (p. 17). E, por isso, a atleta de MMA faz questão de afirmar que mantém características femininas, procurando sempre manter sua vaidade e beleza, fazendo unhas e cabelo antes das lutas profissionais; diz que não quer ser homem, mas uma mulher que luta (MOURA *et al.*, 2010).

Essa preocupação com uma possível masculinização e, conseqüente, “sobrecuidado”, da atleta de MMA acima, é caracterizado por Jaeger e Goellner (2011, p. 971) como uma “‘hiperfeminilidade normalizada’, que opera na insistência e na sobreposição de cuidados na produção da aparência dos corpos, afirmando e reafirmando uma feminilidade padronizada” e pode ser identificada entre as fisiculturistas da pesquisa das autoras citadas, e não parece configurar-se numa preocupação entre as boxeadoras do filme analisado. Pelo contrário, Maggie, é segura de sua escolha e responde a altura qualquer provocação.

Além disso, mais do que inevitável, o desenvolvimento e fortalecimento muscular é necessário ao boxeador. Wacquant (2002) destaca que é uma exigência do esporte, pois, é através dos músculos que o atleta irá proteger o próprio corpo dos golpes que irá receber. O autor argumenta que

Aprender a boxear é modificar insensivelmente seu esquema corporal, sua relação com seu corpo e o uso que dele fazemos habitualmente, de maneira a interiorizar uma série de disposições inseparavelmente mentais e físicas que, ao longo do tempo, fazem do organismo uma máquina de dar e receber socos [...] (*Op. cit.*, p. 115).

E complementa que tão importante quanto os músculos é a inteligência. O autor afirma que ambas as características se unem numa “simbiose”, não sendo possível um boxeador que contemple apenas uma dessas qualidades. Afirma que “no boxeador já formado, o mental torna-se uma parte do físico, e vice-versa; o corpo e a mente funcionam em simbiose total” (WACQUANT, 2002, p. 116). Outro fato muito bem retratado na trama através da sintonia entre atleta e treinador. A experiência de Frankie e a qualidade técnica de Maggie, somados a cumplicidade e confiança de ambos, fez da lutadora uma grande e vitoriosa boxeadora.

Noutra expectativa, a respeito dos espectadores, Scrap, em narração, comenta que as pessoas “dizem que amam o boxe, mas nem imaginam o que é isso. Boxe é respeito! Conquistá-lo para si é tomá-lo do outro”. Sobre este comentário, percebemos no desenvolver da história que Maggie empolga o público com suas vitórias e adquire o respeito dos espectadores, treinador e demais boxeadores, com lealdade, “jogo limpo”, dedicando todo tempo livre a seu aperfeiçoamento na modalidade.

O público presente não é espectador do boxe masculino ou feminino. Na mesma narração, Scrap diz que “As pessoas adoram violência!”. Ou seja, a intenção dos espectadores é assistir a “boas lutas” ou ao “espetáculo da violência regrada”. Esta afirmativa é confirmada por Melo e Vaz (2006, p. 144) ao argumentarem que “o boxe, ainda que bastante regulamentado, permanece muito popular exatamente pelas situações e imagens de violência que oferece ao público [...]”, não importando quem sejam os lutadores.

⁵⁰ Os autores caracterizam o MMA (Mixed Marcial Arts) como uma espécie de desafios entre lutadores de modalidades distintas, originalmente, sem regras, mas que com a difusão e profissionalização trouxeram regras e a apropriação de técnicas de diversas lutas. Para saber mais consultar MOURA *et al.* Esporte, Mulheres e Masculinidades. Esporte e Sociedade, ano 5, n 13, nov.2009/fev.2010.

CONCLUSÕES

Diante do exposto, podemos afirmar, através do filme, que o público não identifica sexo ou gêneros nos ringues. Destacamos também que o boxe constrói o discurso de uma “feminilidade contemporânea”, em que as mulheres não são frágeis ou submissas, muito embora possa permanecer a doçura, a meiguice, como retratada por Maggie, numa “simbiose”, utilizando o termo de Wacquant (2002), de características culturalmente definidas como masculinas e femininas.

O mesmo discurso foi encontrado por Ferreti e Knijnik (2007) ao destacarem que suas entrevistadas, embora se caracterizem como “treinadoras” ao invés de “lutadoras”, sugerindo proteção contra possíveis discriminações, elas produzem novas feminilidades. Os autores afirmam que mesmo estando em um esporte que valoriza as ‘características masculinas’, elas valorizam a aparência feminina, mas com a estética de “**uma feminilidade diferente, que não é frágil ou passiva**” (*Op. cit.* p. 68, grifo nosso).

Jaeger e Goellner (2011), em seu estudo sobre o fisiculturismo feminino, argumentam que existem diferentes formas de representar as feminilidades. Destacam que “essas mulheres afirmam e reafirmam em seus corpos, não um modo de ser feminino, mas distintas possibilidades de ser e viver as feminilidades” (p. 973).

Então, o que será ainda necessário às mulheres para quebrar os estranhamentos sociais sobre sua inserção nestas práticas? Para aquelas que escolheram se profissionalizar no boxe isso parece não representar um problema. Ao contrário, toda a afirmação necessária nos ringues se reflete na vida pessoal. O boxe constrói mulheres que encaram a vida de frente sem medo de se machucar. Podemos perceber que as mulheres da trama, em especial Maggie, são representadas como fortes, determinadas, que sabe aonde querem chegar e lutam para conquistar seus objetivos; sabem o que tem e não espaço em suas vidas e assumem sem medo de pressões sociais.

Nota-se, através dos demais estudos aqui dialogados, que os esportes de confronto, demonstração de força e coragem, de um modo geral, produzem diferentes formas de “ser feminina”; constroem mulheres decididas e conscientes de suas escolhas. Nas lutas, em especial o boxe, parece que, mais do que preconceitos, está se caminhando para uma reestruturação das relações de gênero.

Foi possível observar no desenvolver da trama, entre os envolvidos com o boxe, mulheres fortes e homens em demonstração de sensibilidade; mulheres e homens envolvidos com a carreira profissional e, ao mesmo tempo, preocupados com suas famílias. Mas será que, efetivamente, as representações encontradas neste filme correspondem àquelas experimentadas na realidade? Este será o próximo passo da investigação.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p.445-465, 2003.
- CONNELL, R. Políticas da Masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.185-206, 1995.

FERRETI, M. A. C.; KNIJNIK, J. D. Mulheres Podem Praticar Lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias. **Movimento**. Porto Alegre, v. 13, n. 1, jan./abr., 2007.

GOELLNER, S. V. Imagens da Mulher no Esporte. In Del Priore, M. e Melo, V. (Orgs.). **História do Esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. São Paulo: UNESP, 2009.

_____. **Bela, Feminina e Maternal: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Unijuí, 2003.

JAEGER, A. & GOELLNER, S. O Músculo Estraga a Mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(3): 954-975, set-dez/2011.

LOURO, G. L. O. Cinema como Pedagogia. In LOPES, M. T. L.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Orgs.) **500 Anos de Educação no Brasil**. 3ª ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003, p. 423-446.

MARIANTE, F. **Da Academia de Boxe ao Boxe da Academia: um estudo etnográfico**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Porto Alegre: UFRS, 2010. 124f.

MELO, V. A & VAZ, A. F. Cinema, Corpo, Boxe: suas relações e a construção da masculinidade. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 139-160, jan.-jun. 2006.

MELO, V. A. **Animação Cultural: conceitos e propostas**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

MOURA *et al.* Esporte, Mulheres e Masculinidades. **Esporte e Sociedade**, ano 5, n 13, nov.2009/fev.2010.

MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, Porto Alegre, ano 7, n. 13, p. 5-18, 2000.

_____. **Representação social da mulher brasileira na atividade físico-desportiva: da segregação á democratização**. 1998. 304 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

NOVA, C. O Cinema e o Conhecimento da História. In **de Olho na História** n 3, 1996. Disponível em: <<http://www.oohodahistoria.ufba.br/o3cris.html>>. Acesso em: 21/05/2012.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: PONTES, 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WACQUANT, L. **Corpo e Alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.